



Os Módulos 3 e 4 do curso Habitação e Cidade em 2011 tiveram como objeto de investigação propositiva outro Perímetro de Ação Integrada (PAI) da cidade de São Paulo, desta vez Cabuçu de Baixo 12, o qual podemos dizer que se refere quase exclusivamente a um único bairro precário, cujo conjunto inclui algumas favelas. Trata-se, portanto, de uma escala diversa do desafio do Módulo 1.

O Módulo 3 se voltou à busca de um plano urbanístico para a área, que resultou em diferentes encaminhamentos que podem ser vistos aqui nos trabalhos dos alunos.

O Módulo 4 foi um desenvolvimento do resultado do Módulo 3, tendo como objetivo a compreensão de questões técnicas e tecnológicas envolvidas, incluindo logística de obras tanto de infraestrutura como de novas edificações.

No plano urbanístico vemos considerações sobre como tratar as

bordas dos córregos, tão ricos em possibilidades em função das águas e que fazem surgir dúvidas quanto ao que se deveria remover e quanto à concepção de espaços públicos nesses lugares que por vezes alagam.

Como lidar com os fundos das construções mantidas junto aos córregos? Como fazer com que o bairro se volte para os parques lineares propostos?

Uma questão recorrente é que remoções em situações de risco se desdobram em taludamentos, arrimos e contenções, ações cujo manejo em um projeto dessa natureza devem compor espaços com destreza para deixá-los atraentes e vivos. Quanto às edificações, trechos de favela mantidos podem constituir uma tipologia, sendo lâminas e torres outras que com aquela deverão dialogar. Aproximações muito modernistas de projeto para habitação, no entanto, não conversam tão bem com o que está em volta. Edifícios para fazer a transição entre a cidade formal e a favela ainda

são um desafio. Além disso, novamente se apresenta o desafio do desenho das transições entre público e privado.

Estruturação nas escalas metropolitana e do desenho urbano se faz necessária quanto às vias, ao verde, ao sistema hídrico. Remoções com o objetivo de criar praças ou infraestrutura verde são polêmicas, mas podem proporcionar qualidade urbanística e infiltração de parte das águas pluviais nos espaços públicos, evitando deflúvio. Além disso, a abertura de caminhos de acesso parece procedimento interessante para diminuir distâncias e estimular percursos.

Uma hipótese muito feliz em um dos projetos aqui apresentados foi propor um parque de cultivo de flores que daria identidade para o lugar, além de gerar renda para a comunidade. Elevadores compartilhados por vários edifícios e mantidos por escritórios são também uma hipótese criativa levantada.

No projeto para um bairro como o Cabuçu de Baixo 12, fica a dúvida sobre

se devemos buscar uma estruturação que favoreça a impressão de unidade ou se a meta deve ser no sentido de um arranjo não hierarquizado de justaposições.

No Módulo 4 houve uma ênfase e consequente força maior nos edifícios e pouca força no desenho urbano. Perde intensidade a questão de como e onde são os lugares de encontro. Parece fazer falta o urbanismo e há uma tendência a se trabalhar apenas o edifício.

A arquiteta Anália Amorim levanta uma interessante bandeira: deveríamos aproveitar a necessidade que temos de construir e recompor para formar e qualificar (em um sentido abrangente) mão de obra especializada para desafios futuros. Há problemas que podem redundar em estratégias que serão capazes de nos tornar referência e assim sermos chamados a agir em outras paragens.

Instiga-se, neste Módulo, pensar, por exemplo, na produção: uma solução interessante que surgiu foram acessos criados a partir de remoções que são depois transformados em edifícios para relocação, mas que mantêm o caráter de passagem pública que se estabeleceu para permitir a obra de transformação do bairro. Trata-se, assim, de questões como a da entrada na favela do caminhão para a obra. Como e onde se monta uma grua?

Há problemas importantes com as fundações das construções existentes. Peças leves podem permitir obras de baixo impacto, já que novas fundações podem ser menores e mais leves.

A rapidez na obra promovida por componentes mais leves significa também menos aluguel temporário para as famílias removidas.

Reaproveitamento do entulho para terraceamento, embasamentos e pavimentação pode ser interessante já que não há mais local para bota-fora em São

Paulo, e nos fundos de vale, onde frequentemente estão as favelas paulistanas, são em geral necessárias ações de retirada de solo e criação de solos novos.

Sabemos, contudo, no que diz respeito aos edifícios, que nosso discurso tecnológico usado no sentido de instigar nada será na prática sem alguns eventuais subsídios, sem os quais a alvenaria estrutural continuará imperando como a forma mais barata de se construir.

Houve em alguns trabalhos uma interessante defesa de galerias de infraestrutura visitáveis.

Tanques de retenção de águas pluviais podem ser úteis e para isso devem ser calculados com dimensões apropriadas.

Mais uma vez se insistiu na importante integração do novo com o existente – não é, pois, interessante destacar muito o novo daquilo que já existe na favela.

# EQUIPE 1: ATIVAÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO

RAFAEL ESTRADA AZNAR  
MIRÉIA CUERDA ALVAREZ  
IVAN MAZEL  
LUCIANA RIBEIRO LOPES  
BRUNO DE TOLEDO SIVIERI  
SOLANGE GIANNINI  
PAULO HENRIQUE BRITO

O projeto se localiza na zona norte da mancha urbana de São Paulo, no limite da serra da Cantareira. A área de projeto está situada no final de uma via coletora, a qual conecta os bairros da zona norte com a marginal Tietê. Essa área é uma sub-bacia do rio Cabuçu de Baixo, organizada linearmente em uma vale.

A área se caracteriza pela coexistência de um tecido urbano formal, fruto de uma planificação ordenada, e de um tecido informal, resultado da ocupação espontânea do território. O objetivo do projeto é integrar esses dois tipos de urbanizações a partir de uma intervenção no tecido informal das favelas.

A intervenção se caracteriza por uma reorganização do leito do rio e a remoção das casas localizadas em áreas de risco, e por uma abertura nos talvegues densamente ocupados pelas favelas. O projeto está estruturado por um eixo principal, o parque linear no fundo de vale, e por dois eixos

transversais constituídos de praças escalonadas, fazendo a ligação com as cotas altas. Os prédios de habitação de interesse social se implantam em relação aos espaços públicos criados (parques, praças). Os prédios de usos mistos se implantam na articulação dos tecidos formal e informal, nos topos de morro e nos pontos de articulação da área de intervenção com a serra da Cantareira, ao norte, e com a grande avenida, ao sul.

A proposição para o talvegue da favela Letícia Cini se caracteriza pela abertura de um espaço público ligando o parque do fundo de vale com as partes elevadas. Esse espaço se configura por várias praças escalonadas implantadas nas áreas deixadas pela remoção de determinadas moradias. Os edifícios de HIS se implantam em volta dessas praças e paralelos às curvas de níveis, desempenhando assim um papel de arimo do terreno.

O projeto de edificação desenvolve duas lâminas paralelas entre si, as quais estão em relação direta com uma praça superior e uma praça inferior. Franjas abertas entre os blocos permitem a circulação pública. No térreo se localizam serviços em relação direta com a praça. Nos andares, os apartamentos se configuram com uma faixa de serviços (banheiro, cozinha, lavanderia) e uma faixa de quartos e sala de estar orientados para o fundo de vale. O acesso aos andares se faz através de passarela aproveitando a declividade do terreno. Os edifícios são construídos com um sistema de elementos leves prefabricados para facilitar a logística da obra, simplificar as fundações e aumentar a rapidez da obra. O sistema construtivo é composto por um conjunto de pilares e vigas de madeira, ao qual se adiciona módulo de piso e de fechamento laterais.